

# A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: UMA ANÁLISE SOBRE SUA IMPORTÂNCIA E APLICAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Maria Dulce Marques Ferreira<sup>1</sup>  
Maria Eduarda de Araujo Freire<sup>2</sup>  
Ana Paula Lima Carneiro<sup>3</sup>

## RESUMO

Atualmente, a literatura tem sido negligenciada em sala de aula, o que resulta em problemas como a má interpretação de textos e a ausência de um pleno desenvolvimento cognitivo. Nesse contexto, este artigo analisa os desafios da leitura literária no Ensino Fundamental II, com foco nas turmas do 6º e 9º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Fábio Mariz Maia, localizada na zona rural de Catolé do Rocha - PB. O estudo busca compreender as causas da baixa valorização da literatura no ambiente escolar e propor estratégias para fomentar o hábito da leitura entre os discentes. Para atingir esses objetivos, adotou-se uma metodologia de pesquisa de campo, utilizando questionários aplicados a professores e alunos, com o intuito de avaliar as práticas pedagógicas e as percepções relacionadas ao ensino da literatura. O referencial teórico fundamenta-se em autores como: Durão (2021), Candido (1972; 1995) e Cosson (2014), que discutem a relevância da literatura no contexto acadêmico e social, além de Freire (1981), que defende a leitura como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento humano. Ademais, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018) é considerada um suporte fundamental para a formação de leitores capazes de apreciar e compreender criticamente a leitura, destacando a importância da literatura no desenvolvimento sociocognitivo dos estudantes. Os resultados esperados incluem a identificação de práticas pedagógicas eficazes que integrem atividades literárias contextualizadas à realidade dos alunos, promovendo o engajamento e estimulando o hábito da leitura de forma significativa.

**Palavras-chave:** Literatura; Ensino fundamental; Educação; Leitura; Texto.

## 1 Introdução

A formação do leitor no contexto escolar transcende a mera decodificação de palavras: trata-se da constituição de sujeitos capazes de interpretar, dialogar e atribuir sentidos plurais aos textos que circulam socialmente. No âmbito do Ensino Fundamental II, esse processo adquire contornos ainda mais significativos, pois corresponde a uma etapa em que os estudantes passam a lidar com textos mais complexos e variados, exigindo competências interpretativas mais refinadas. A escola,

<sup>1</sup> Graduanda em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, [maria.dulce@aluno.uepb.edu.br](mailto:maria.dulce@aluno.uepb.edu.br).

<sup>2</sup> Graduanda em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, [eduardafreire115@gmail.com](mailto:eduardafreire115@gmail.com);

<sup>3</sup> Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, [anapaulalima.uepb@gmail.com](mailto:anapaulalima.uepb@gmail.com).



nesse cenário, emerge como espaço essencial de mediação, no qual a leitura literária deve ser concebida não como obrigação curricular, mas como prática de fruição estética, de construção identitária e de inserção crítica no mundo. Tal perspectiva exige do professor não apenas domínio de conteúdo, mas também sensibilidade didática e conhecimento das dimensões simbólicas da literatura, a fim de promover experiências significativas de leitura.

Nesse contexto, o conceito de letramento literário ganha centralidade, pois amplia a noção tradicional de leitura ao incorporar as especificidades do texto literário enquanto linguagem artística. Entendido como um processo formativo que envolve o desenvolvimento de capacidades interpretativas, estéticas e críticas, o letramento literário propõe práticas de leitura que favorecem a apreciação, a compreensão profunda e a reflexão sobre os sentidos possíveis das obras. Complementarmente, Cosson (2014) aponta que, para que a literatura cumpra seu papel formativo, é necessário que ela seja vivida como experiência, e não apenas tratada como objeto de análise técnica. Assim, promover o letramento literário no Ensino Fundamental II significa garantir aos estudantes o direito de acessar a linguagem literária em sua potência humana, criativa e transformadora, contribuindo para a formação de leitores autônomos e críticos.

O ensino de literatura no Ensino Fundamental II, especialmente nas escolas públicas municipais, tem sido amplamente debatido, sobretudo diante da constatação da escassez de práticas consistentes de leitura literária nesse nível de ensino. Trata-se de uma temática relevante, uma vez que a literatura desempenha papel fundamental na formação do pensamento crítico dos estudantes e na ampliação de suas habilidades linguísticas. No entanto, observa-se que a abordagem da literatura nas escolas públicas, muitas vezes, não prioriza a criação de hábitos de leitura entre os alunos, restringindo-se ao estudo técnico dos períodos estilísticos ou ao uso instrumental do texto literário.

Frente a esse cenário, emergem os seguintes questionamentos: (i) por que a leitura literária é tão escassa no Ensino Fundamental II em escolas públicas? (ii) quais são as causas, consequências e impactos da ausência da leitura literária ao longo da vida escolar de um indivíduo? As hipóteses levantadas sugerem que o ensino fundamental público tende a utilizar os textos literários como suporte para o ensino de narrativas e de conteúdos gramaticais normativos, sem fomentar o hábito da leitura por prazer. Esse direcionamento pode gerar desinteresse dos alunos pela leitura, dificultando o



desenvolvimento da compreensão leitora e o enfraquecendo sua relação com a literatura enquanto prática cultural.

Diante da problemática apresentada, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar como a leitura literária tem sido trabalhada no Ensino Fundamental II (6º e 9º ano) na Escola Estadual de Ensino Fundamental Fábio Mariz Maia (doravante EEEFFMM), localizada no Distrito Coronel Maia, zona rural de Catolé do Rocha – PB. Nesse contexto, os objetivos específicos incluem: identificar as atividades relacionadas à literatura propostas pelos professores da referida instituição; avaliar, por meio de questionários, como a literatura é recebida pelos alunos; e sugerir melhorias que possam ser implementadas para aprimorar o ensino da literatura, justificando sua importância na formação de estudantes críticos e socialmente participativos.

A metodologia adotada para este estudo consiste em uma pesquisa de campo, com aplicação de questionários impressos a professores e alunos do 6º e 9º ano da EEEFFMM. A coleta de dados será essencial para compreender as práticas docentes e a percepção dos estudantes sobre o ensino de literatura, contribuindo para a formulação de propostas que enriqueçam essa área do conhecimento. Para a fundamentação teórica e aprofundamento das discussões, foi realizada uma pesquisa bibliográfica centrada em autores como Durão (2021), Candido (1972; 1995) e Cosson (2014), que refletem sobre a relevância da literatura no contexto acadêmico e social, além de Freire (1981), que defende a leitura como instrumento essencial para o desenvolvimento humano. Ademais, considera-se a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) como documento norteador da formação de leitores capazes de apreciar e compreender criticamente os textos literários, reconhecendo a importância dessa prática para o desenvolvimento sociocognitivo dos estudantes.

Sob essa perspectiva, a justificativa para o desenvolvimento deste estudo reside na necessidade de investigar e analisar os impasses provocados pela ausência da leitura literária nas escolas, em especial naquelas da rede pública de ensino fundamental. Assim, esta pesquisa revela-se relevante por buscar preencher lacunas na formação literária dos estudantes e por apontar fatores que tornam esse campo uma dimensão essencial do processo educativo.

Para o desenvolvimento das reflexões propostas, o artigo encontra-se organizado em três seções principais. A primeira seção apresenta o referencial teórico que



fundamenta a discussão sobre a formação do leitor e o letramento literário, com base em autores clássicos e contemporâneos da área. A segunda seção dedica-se à análise dos dados obtidos por meio de questionários aplicados a professores e alunos, com o intuito de compreender como a leitura literária tem sido abordada no cotidiano escolar e quais estratégias podem ser adotadas para fortalecê-la como prática formativa. Por fim, a terceira seção é destinada às considerações finais, nas quais se retomam os principais achados da pesquisa à luz dos objetivos propostos, destacando-se os desafios e as potencialidades do ensino de literatura no Ensino Fundamental II.

## 2 O ensino de literatura

A literatura, muitas vezes negligenciada nos debates sobre direitos fundamentais, pode e deve ser compreendida como um direito humano inalienável. Candido (1995) sustenta que negar o acesso à literatura é uma forma de mutilação do ser humano, pois se trata de um bem indispensável à plenitude da existência. Para o autor, o direito à literatura está no mesmo plano ético dos direitos à educação, à saúde ou à alimentação, uma vez que diz respeito à dignidade humana. Tal compreensão parte do pressuposto de que aquilo que consideramos essencial para nós deve ser igualmente assegurado aos outros, numa perspectiva de justiça e de universalização dos bens culturais.

Essa concepção é aprofundada na crítica ao utilitarismo dominante no campo educacional, que frequentemente reduz a leitura a um instrumento de treinamento linguístico. Em contraposição, pensar a literatura como direito humano significa reconhecer seu papel formador, afetivo e ético. Candido (1972) observa que, ao proporcionar ao indivíduo o acesso a mundos simbólicos diversos, a literatura contribui decisivamente para a constituição da subjetividade e da sensibilidade moral. Nesse sentido, o texto literário não apenas entretém e informa, mas forma, afeta e emancipa.

Essa visão converge com o conceito de *letramento literário*, proposto por Cosson (2014), que articula a fruição estética à inserção social do leitor. O letramento literário não se reduz à decodificação ou ao domínio técnico do texto, mas implica o desenvolvimento de competências interpretativas e críticas, permitindo ao sujeito experimentar a literatura como linguagem artística e uma forma de compreender o



mundo. Para que essa experiência ocorra, o professor deve assumir um papel mediador, promovendo práticas que valorizem a leitura literária como experiência estética, e não apenas como conteúdo escolar a ser testado.

Essa concepção está presente na Base Nacional Comum Curricular que reconhece o ensino de literatura como um eixo estruturante da área de Linguagens. A BNCC propõe a formação do leitor literário como sujeito crítico, sensível e criativo, capaz de fruir, interpretar e produzir sentidos a partir de obras de diferentes gêneros, estilos e contextos culturais. Nesse documento, a literatura não é tratada como objeto de mera análise técnica, mas como linguagem artística que possibilita a ampliação do repertório simbólico, o exercício da empatia e a formação de uma visão crítica do mundo. Para tanto, a BNCC orienta o trabalho com textos literários desde os anos iniciais da Educação Básica, enfatizando a leitura como prática social e a literatura como forma de acesso à diversidade cultural e aos direitos linguísticos e estéticos.

Essa compreensão encontra respaldo no pensamento de Freire (1981), que reconhece o ato de ler como um gesto profundamente político e existencial. Freire (1981) sustenta que a leitura da palavra está sempre vinculada à leitura do mundo, ou seja, à capacidade de interpretar criticamente a realidade. Por isso, a alfabetização e a educação literária devem ser entendidas como processos de libertação, nos quais o sujeito se apropria da linguagem para nomear sua experiência e transformar sua condição histórica. Assim, a leitura não é apenas técnica, mas também ética e política, pois insere o leitor no mundo como sujeito de ação e reflexão.

Do ponto de vista metodológico, Durão (2021) defende que a pesquisa em literatura requer um investimento crítico e criativo por parte do pesquisador. Em vez de aplicar modelos teóricos de forma mecânica, o autor propõe uma abordagem que considere a singularidade das obras e dos contextos interpretativos. Para Durão (2021), a interpretação literária é uma prática situada, que exige do pesquisador não apenas domínio conceitual, mas sensibilidade hermenêutica, consciência institucional e abertura ao inusitado do texto. Isso implica reconhecer que a literatura não se submete integralmente às lógicas das ciências empíricas ou das normativas escolares, exigindo, portanto, metodologias que respeitem sua complexidade e potencial disruptivo.

Em síntese, a literatura é um bem simbólico de natureza universal, cujo acesso deve ser garantido a todos como condição de existência digna. A articulação entre



literatura, educação e direitos humanos, conforme preconizado por Candido (1972; 1995), Freire (1981) e a BNCC, permite repensar a função da leitura literária na escola não como adereço cultural, mas como exigência formativa, ética e política.

### **3 Do campo à reflexão: a trilha da pesquisa**

Para que fosse possível atingir os objetivos propostos neste artigo, foram adotados procedimentos metodológicos que asseguram uma sequência teórica coerente e fundamentada, favorecendo a apreciação crítica do problema central da pesquisa. Nesse sentido, o presente estudo busca compreender como a literatura pode ser mobilizada no contexto educacional como direito humano e instrumento formativo, a partir de práticas de leitura literária desenvolvidas no Ensino Fundamental II.

Dessa forma, foi adotada uma abordagem quali-quantitativa, com o objetivo de interpretar fenômenos educacionais em sua complexidade e especificidade, articulando dados qualitativos e quantitativos. A escolha metodológica se justifica pelo caráter exploratório e interpretativo do objeto de estudo, o qual demanda um olhar atento às dimensões sociais, culturais e linguísticas que permeiam as práticas escolares de leitura literária.

O *corpus* do trabalho foi constituído por meio da aplicação de questionários a professoras e alunos, com o intuito de avaliar as práticas pedagógicas e as percepções relacionadas ao ensino da literatura nas turmas do 6º e 9º ano do Ensino Fundamental II, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Fábio Mariz Maia (EEEFMM), situada na zona rural do município de Catolé do Rocha – PB.

### **4 A formação do leitor literário no ensino fundamental**

Após a aplicação dos questionários nas turmas do 6º e do 9º anos, foi realizada a análise das respostas fornecidas por alunos e professores, o que possibilitou a identificação de alguns resultados quantitativos relevantes. Assim, as duas professoras entrevistadas relataram utilizar inúmeros materiais paradidáticos em sala de aula, além



de recursos como *data show*, vídeos do *YouTube* e uma variedade de gêneros literários. Entre as obras mencionadas, *Sonho de uma Noite de Verão*, de William Shakespeare, e *A Palavra Mágica*, de Moacyr Scliar, foram indicadas como as mais apreciadas pelos alunos.

No que diz respeito ao gosto pela leitura, observou-se que entre os alunos do 6º ano, que participaram da pesquisa, 12 afirmaram gostar de ler. Já entre os quatorze estudantes do 9º ano, que responderam à mesma pergunta, sete declararam que gostam de ler, cinco disseram que não gostam e dois afirmaram que gostam apenas “mais ou menos”.

Quando questionados sobre a quantidade de leitura realizada, oito alunos do 6º ano disseram ler muito, enquanto onze afirmaram ler pouco. Entre os estudantes do 9º ano, 4 afirmaram que leem muito, 8 disseram que leem pouco e 1 declarou que a resposta depende da situação.

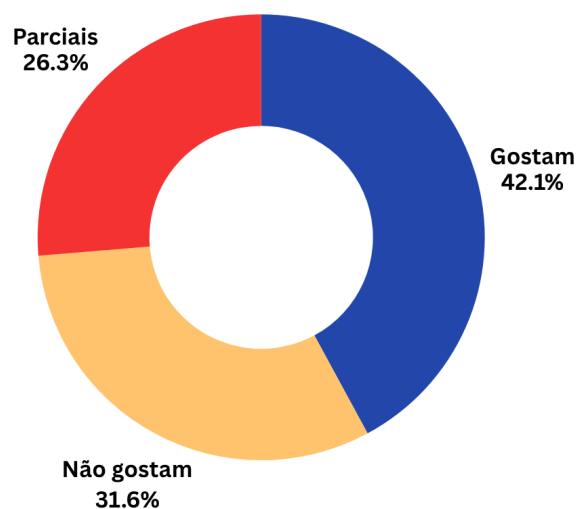
Em relação ao incentivo à leitura no ambiente familiar, os dados revelaram que 11 alunos do 6º ano relataram receber esse estímulo em casa, enquanto 8 afirmaram o contrário. Já entre os estudantes do 9º ano, sete afirmaram ser incentivados a ler em casa, ao passo que seis disseram não contar com esse tipo de apoio.

Com base nesses dados, organizamos parte das informações coletadas em infográficos, a fim de facilitar a visualização dos resultados obtidos. Assim, é possível observar um panorama geral sobre o interesse dos alunos do 6º ano quanto à leitura no Gráfico 1.

**Gráfico 1:** Panorama geral sobre os questionários referente ao interesse pela leitura do 6º ano.



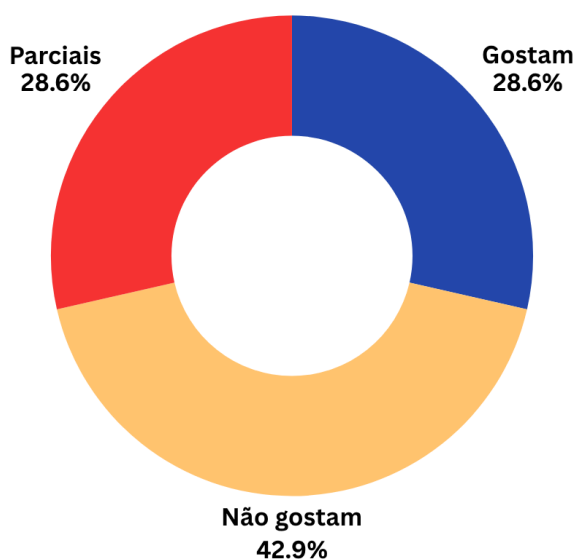




Fonte: Própria, 2025.

No infográfico, observa-se que 42,1% dos alunos afirmaram gostar de ler, 31,6% declararam não gostar e 26,3% encontram-se em uma posição intermediária. Com isso, é possível afirmar que quase metade da turma demonstra interesse pela leitura. Em seguida, no que se refere à turma do 9º ano, o Gráfico 2 apresenta uma visão geral sobre o apreço desses alunos pela leitura:

**Gráfico 2:** Panorama geral sobre os questionários referente ao interesse pela leitura do 9º ano.



Fonte: Própria, 2025.



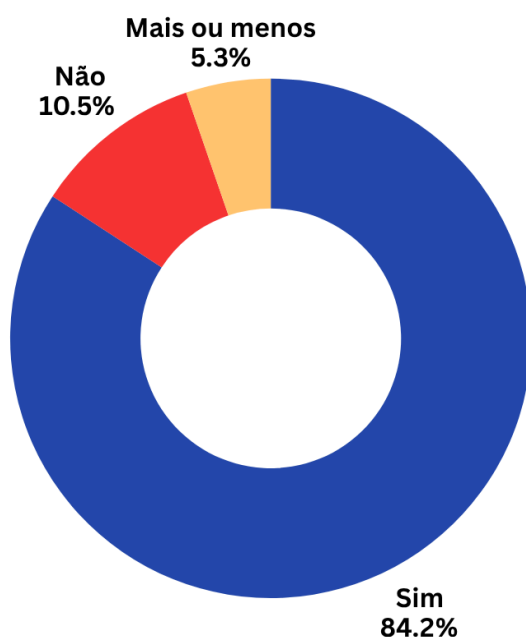


Ao observar o gráfico da Imagem 2, nota-se que 28,6% dos alunos afirmaram gostar de ler, 42,9% declararam não gostar e 28,6% estão em uma posição intermediária em relação ao apreço pela leitura. Dessa forma, conclui-se que, no 9º ano, quase metade dos estudantes não demonstra interesse pela leitura.

Nesse contexto, enquanto a maioria dos alunos do 6º ano aparenta ter afeição pela leitura, o mesmo não se observa entre os estudantes do 9º ano. Essa diferença convida à reflexão: o que teria ocorrido ao longo do percurso escolar para que o interesse pela leitura diminuísse em vez de se fortalecer? Essa queda no engajamento pode estar relacionada a uma possível lacuna na mediação literária, à falta de vínculo afetivo com os textos trabalhados ou até mesmo a uma abordagem pouco significativa das práticas de leitura ao longo dos anos.

Agora, ao tratar da questão do incentivo à leitura no ambiente escolar, observa-se que, assim como no fator anterior, foram desenvolvidos infográficos (Gráficos 3 e 4) com o objetivo de aprofundar a compreensão das informações analisadas.

**Gráfico 3:** Dados quantitativos dos alunos da turma do 6º ano quanto a pergunta 6 do questionário: *Você é incentivado a ler na escola?*.

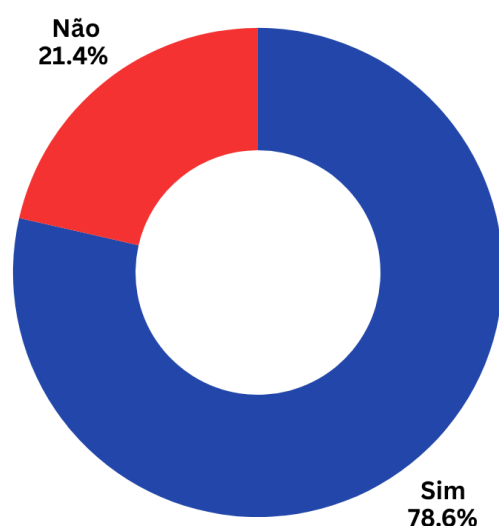


Fonte: Própria, 2025.



No Gráfico 3, observa-se que 84,2% dos alunos do 6º ano afirmaram receber incentivo à leitura por parte da escola, enquanto 10,5% declararam o contrário e 5,3% indicaram uma resposta parcial, utilizando a expressão “mais ou menos”. Esses dados confirmam que, além de gostarem de ler, a maioria desses alunos também reconhece o estímulo institucional à prática leitora. Em relação à turma do 9º ano, o Gráfico 4 apresenta uma visão geral sobre o fomento à leitura promovido pela instituição de ensino.

**Gráfico 4:** Dados quantitativos dos alunos da turma do 9º ano quanto a pergunta 6 do questionário: *Você é incentivado a ler na escola?*.



Fonte: Própria, 2025.

No Gráfico 4, observa-se que 78,6% dos alunos do 9º ano afirmaram receber incentivo à leitura por parte da escola, enquanto 21,4% declararam o contrário. Diante desses dados, é possível refletir sobre um padrão curioso: embora a maioria dos estudantes do 9º ano reconheça o incentivo institucional, grande parte deles não demonstra interesse pela leitura. Isso evidencia um descompasso entre o estímulo oferecido e o engajamento efetivo dos alunos, sugerindo que o problema talvez não esteja apenas na ausência de incentivo, mas na forma como ele é conduzido e percebido pelos discentes.



## 5 Considerações finais

Esse descompasso evidencia que o problema não reside apenas na ausência de incentivo, mas, sobretudo, na qualidade e na intencionalidade das mediações realizadas. O fato de os alunos do 9º ano, em sua maioria, declararem que recebem incentivo, mas ainda assim não se sentirem atraídos pela leitura, sugere que os métodos utilizados talvez não estejam conectados à realidade, aos interesses ou às necessidades formativas dos discentes. Além disso, reforça a hipótese de que a literatura, em muitos contextos escolares, segue sendo tratada como suporte para ensino gramatical ou como obrigação curricular, e não como experiência estética, subjetiva e transformadora, conforme propõem autores como Candido (1995) e Cosson (2014).

Outro ponto revelador foi a diferença de perfil leitor entre as turmas do 6º e do 9º ano. Enquanto os alunos mais novos demonstram maior afeição pela leitura, os mais velhos já apresentam sinais de desengajamento. Tal trajetória descendente sinaliza uma lacuna progressiva no cultivo do hábito leitor ao longo da escolarização, o que reforça a necessidade de ações pedagógicas contínuas, sensíveis e progressivamente desafiadoras, capazes de sustentar e aprofundar o vínculo dos alunos com a literatura.

Diante disso, reafirma-se a centralidade do letramento literário como processo formativo, não apenas voltado à técnica de leitura, mas à construção de sentidos, de identidade, de criticidade e de sensibilidade ética e estética. Conforme defendido por Freire (1981), ler o mundo por meio da palavra literária é ato de libertação e de humanização.

Portanto, este estudo não apenas valida a importância da leitura literária no Ensino Fundamental II como propõe a urgência de revisão das práticas pedagógicas, com foco na formação de leitores autônomos, críticos e sensíveis. É necessário que a literatura seja devolvida ao espaço escolar como direito inalienável, não como dever escolar, mas como experiência viva, partilhada e humanizadora.

## REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, 2018.

CANDIDO, Antonio. **A Literatura e a Formação do Homem**. Ciência e Cultura. São Paulo, v. 24, n. 9, 1972.



CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades; Ouro sobre azul, 1995, p. 169-91.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

DURÃO, Fábio. Akcelrud **Metodologia de Pesquisa em Literatura**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2021.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1981.

